

SALLY ROONEY

Conversas entre amigos

TRADUÇÃO
Débora Landsberg

ALFAGUARA



Copyright © 2017 by Sally Rooney
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Conversations with Friends

Capa
Claudia Espínola de Carvalho

Ilustração da capa
Paulo Marcelo Oz — Estúdio Bogotá

Preparação
Eloah Pina

Revisão
Renata Lopes Del Nero
Nana Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rooney, Sally
Conversas entre amigos/ Sally Rooney; tradução Débora Landsberg. — 1ª ed. — Rio de Janeiro: Alfabeta, 2017.

Título original: Conversations with Friends
ISBN: 978-85-5652-051-7

I. Ficção irlandesa I. Título.

17-06592

CDD-ir823.9

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura irlandesa ir823.9

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/alfaguara.br

twitter.com/alfaguara_br

*Em momentos de crise, todos precisamos decidir
várias e várias vezes quem amamos.*

Frank O'Hara

PARTE UM

1

Bobbi e eu conhecemos Melissa em um recital de poesia, em uma noite na cidade, onde nos apresentaríamos juntas. Melissa tirou uma foto nossa lá fora, Bobbi fumando e eu sem saber o que fazer, segurando meu braço esquerdo com a mão direita, como se tivesse medo de que ele fugisse de mim. Melissa usava uma grande câmera profissional e guardava muitas lentes diferentes numa bolsinha especial. Batia papo e fumava enquanto tirava as fotos. Ela falava da nossa apresentação e nós, do trabalho dela, que havíamos descoberto na internet. O bar fechou por volta da meia-noite. Estava começando a chover quando Melissa nos convidou para irmos à casa dela para um drinque.

Entramos todas no banco de trás de um táxi e ajeitamos nossos cintos de segurança. Bobbi se sentou no meio, com a cabeça virada para conversar com Melissa, e então eu podia ver sua nuca e a orelhinha parecida com uma colher. Melissa deu ao motorista um endereço em Monkstown e me virei para a janela. Uma voz surgiu do rádio para dizer as palavras: clássicos... pop... anos 1980. Em seguida, tocaram um jingle. Eu estava empolgada, pronta para o desafio de visitar a casa de uma desconhecida, já preparando elogios e certas expressões faciais para dar a impressão de que eu era encantadora.

A casa era semigeminada, de tijolos vermelhos, com uma figueira do lado de fora. Sob a luz do poste, as folhas pareciam cor de laranja e artificiais. Eu gostava muito de ver o interior de casas alheias, ainda mais de pessoas ligeiramente famosas como Melissa. Logo de cara resolvi decorar todos os detalhes da casa, assim poderia descrevê-la depois aos nossos outros amigos e Bobbi concordaria.

Quando Melissa abriu a porta, uma pequena cocker spaniel acobreada veio correndo até a sala e começou a latir para nós. O corredor estava quentinho e as luzes, acesas. Ao lado da porta havia uma me-

sinha onde alguém deixara um amontoado de trocados, uma escova de cabelo e um batom aberto. Havia uma reprodução de Modigliani pendurada sobre a escada, uma mulher nua reclinada. Pensei: isso é uma casa de verdade. Daria para uma família viver aqui.

Temos visita, Melissa gritou do corredor.

Como ninguém apareceu, nós a seguimos até a cozinha. Lembro de ter visto uma tigela de madeira escura cheia de frutas bem escolhidas e reparado na estufa de vidro. Gente rica, pensei. Naquela época, eu vivia pensando em gente rica. A cachorra tinha nos seguido até a cozinha e cheirava nossos pés, mas como Melissa não a mencionou nós também não dissemos nada.

Vinho? ofereceu Melissa. Branco ou tinto?

Ela serviu taças enormes, do tamanho de tigelas, e nós três nos sentamos ao redor de uma mesinha. Melissa perguntou como foi que começamos a recitar poesia juntas. Tínhamos acabado de terminar o terceiro ano da faculdade, mas nos apresentávamos juntas desde os tempos de escola. As provas já tinham acabado. Era final de maio.

Melissa tinha deixado a câmera em cima da mesa e de vez em quando a pegava para tirar uma fotografia, soltando uma risada autodepreciativa por ser “viciada em trabalho”. Acendeu um cigarro e bateu a cinza em um cinzeiro de vidro bem kitsch. A casa não cheirava nem um pouco a cigarro e fiquei imaginando se ela costumava fumar ali.

Fiz novas amigas, ela anunciou.

O marido estava na porta da cozinha. Levantou a mão para nos cumprimentar e a cachorra começou a ganir e a choramingar e a correr em círculos.

Esta é a Frances, anunciou Melissa. E essa é a Bobbi. Elas são poetas.

Ele pegou uma garrafa de cerveja da geladeira e a abriu na bancada da pia.

Senta aqui com a gente, chamou Melissa.

É, eu adoraria, ele disse, mas é melhor eu tentar dormir antes do voo.

A cachorra subiu em uma cadeira da cozinha perto de onde ele estava, e ele esticou a mão para acariciar sua cabeça, sem pensar muito

no que estava fazendo. Perguntou a Melissa se ela já tinha dado comida à cachorra, ela disse que não. Ele segurou o animalzinho nos braços e deixou que lhe lambesse o pescoço e o maxilar. Disse que colocaria a comida dela e saiu de novo pela porta da cozinha.

O Nick vai filmar em Cardiff amanhã de manhã, explicou Melissa.

Já sabíamos que o marido dela era ator. Ele e Melissa volta e meia eram fotografados juntos em eventos, e amigos de amigos nossos já os conheciam. Ele tinha um rosto lindo, grande, e parecia ser capaz de botar Melissa debaixo de um braço e rechaçar intrusos com o outro.

Ele é muito alto, comentou Bobbi.

Melissa sorriu como se “alto” fosse eufemismo para algo, mas não necessariamente algo lisonjeiro. A conversa continuou. Entramos em uma breve discussão sobre o governo e a Igreja católica. Melissa nos perguntou se éramos religiosas e respondemos que não. Ela disse que achava eventos religiosos, como funerais e casamentos, “reconfortantes num sentido sedativo”. São comunitários, ela explicou. Há algo de bom nisso para quem é um individualista neurótico. E eu estudei em escola de freiras, então ainda sei a maioria das orações.

Nós estudamos em uma escola de freiras, declarou Bobbi. Foi problemático.

Melissa abriu um sorriso e perguntou: por exemplo?

Bom, eu sou gay, disse Bobbi. E a Frances é comunista.

Também acho que não lembro de nenhuma oração, declarei.

Ficamos bastante tempo sentadas ali conversando e bebendo. Lembro que falamos da poeta Patricia Lockwood, a quem admirávamos, e também do que Bobbi caluniosamente chamou de “feminismo que não sai da tecla da diferença salarial”. Comecei a ficar cansada e um pouco bêbada. Não conseguia pensar em nenhum comentário espirituoso a fazer e foi difícil ordenar meu rosto de forma a demonstrar meu senso de humor. Acho que ri e assenti bastante. Melissa nos contou que estava trabalhando em um novo livro de ensaios. Bobbi tinha lido o primeiro, mas eu não.

Não é muito bom, Melissa me disse. Espera o próximo sair.

Por volta das três horas ela nos mostrou o quarto vago e nos disse o quanto tinha sido ótimo nos conhecer e como estava feliz que ficaríamos. Quando nos deitamos fiquei olhando o teto e me sentindo

bastante bêbada. O quarto rodava repetitivamente em giros breves, consecutivos. Assim que meus olhos se adaptavam a uma rotação, outra já começava. Perguntei a Bobbi se ela também estava enfrentando esse problema, mas ela falou que não.

Ela é incrível, não é? disse Bobbi. A Melissa.

Gostei dela, respondi.

Dava para ouvir sua voz no corredor e os passos levando-a de um cômodo a outro. Depois que a cachorra latiu nós a escutamos gritar alguma coisa e em seguida a voz do marido. Mas depois disso adormecemos. Não o escutamos sair.

Bobbi e eu nos conhecemos no ensino médio. Na época, Bobbi era cheia das opiniões e sempre passava um tempo de castigo por ofensas comportamentais que a nossa escola chamava de “perturbação do ensino e do aprendizado”. Quando tínhamos dezesseis anos, pôs um piercing no nariz e começou a fumar. Ninguém gostava dela. Uma vez foi temporariamente suspensa por escrever “foda-se o patriarcado” na parede ao lado de uma imagem de gesso de Jesus crucificado. Não houve nenhum sentimento de solidariedade em torno do incidente. Bobbi era considerada exibicionista. Até eu tive de admitir que o ensino e o aprendizado fluíram muito melhor na semana em que ela não estava.

Aos dezessete anos tivemos de comparecer a um baile para arrecadação de fundos no auditório da escola, com um globo de espelhos parcialmente quebrado iluminando o teto e as janelas descobertas. Bobbi usou um vestidinho fino de verão e parecia não ter penteado o cabelo. Ela estava radiante e atraente, o que queria dizer que todo mundo teve de se esforçar para não lhe dar atenção. Eu disse a ela que tinha gostado do vestido. Ela me deu um pouco da vodca que bebia de uma garrafa de coca e perguntou se o resto da escola estava trancado. Conferimos a porta da escada dos fundos e descobrimos que estava aberta. Todas as luzes estavam apagadas e não havia mais ninguém ali em cima. Dava para ouvir a música zumbindo através das tábuas do assoalho, como se fosse o toque do telefone de alguém. Bobbi me deu mais um pouco de sua vodca e me perguntou se eu gostava de garotas. Era muito fácil agir com tranquilidade perto dela. Eu só respondi: claro.

Não estava sendo desleal com ninguém sendo a namorada de Bobbi. Não tinha amigos próximos e na hora do almoço ficava sozinha e lia livros didáticos na biblioteca da escola. Gostava das outras garotas, deixava que copiassem meu dever de casa, mas me sentia sozinha e indigna de amizades verdadeiras. Fazia listas de coisas em que tinha de melhorar. Depois que Bobbi e eu começamos a sair juntas, tudo mudou. Ninguém mais me pedia o dever de casa. No almoço andávamos pelo estacionamento de mãos dadas e as pessoas desviavam o olhar maliciosamente. Era divertido, foi a primeira vez na vida que me diverti de verdade.

Depois da escola nos deitávamos no quarto dela escutando música e falando dos motivos que tínhamos para gostar uma da outra. Eram conversas longas e intensas, e me pareciam tão monumentais que à noite eu transcrevia em segredo partes delas de memória. Quando Bobbi falava de mim parecia que eu me olhava no espelho pela primeira vez. Também passei a olhar para espelhos de verdade com mais frequência. Comecei a nutrir grande interesse pelo meu rosto e meu corpo, coisa que nunca tive antes. Fazia a Bobbi perguntas como: eu tenho pernas compridas? Ou curtas?

Na cerimônia da formatura da escola apresentamos juntas um quadro de *spoken word*. Alguns dos pais choraram, mas nossos colegas de classe ficaram olhando pelas janelas do auditório ou conversando baixinho. Alguns meses depois, após mais de um ano juntas, Bobbi e eu terminamos.

Melissa queria escrever um perfil nosso. Ela nos mandou um e-mail perguntando se tínhamos interesse e anexou algumas das fotografias tiradas lá fora do bar. Sozinha no meu quarto, baixei um dos arquivos e o abri em tela cheia. Bobbi me olhava, travessa, segurando um cigarro com a mão direita e mexendo na estola de pelo com a outra. Ao lado dela, eu parecia entediada e interessante. Tentei imaginar meu nome aparecendo em um perfil, em fonte serifada de haste grossa. Resolvi que me esforçaria mais para impressionar Melissa da próxima vez que nos encontrássemos.

Bobbi me ligou praticamente no instante em que o e-mail chegou.

Você viu as fotos? ela perguntou. Acho que estou apaixonada por ela.

Segurei o celular em uma mão e dei close no rosto de Bobbi com a outra. Era uma imagem de alta qualidade mas aproximei até ver os pixels.

Talvez você esteja apaixonada só pela sua cara, retruquei.

Não é porque eu tenho um rosto bonito que sou narcisista.

Deixei passar. Continuava envolvida no processo de aproximação da imagem. Sabia que Melissa escrevia para vários sites literários importantes e seu trabalho tinha grande circulação on-line. Ela tinha escrito um famoso ensaio sobre os Oscars que todo mundo republicava todos os anos na temporada das premiações. Às vezes também escrevia perfis locais sobre artistas que vendiam suas obras na Grafton Street ou músicos de rua em Londres; eram sempre acompanhados de belas fotografias dos entrevistados num estilo humanizado e cheio de “personalidade”. Distanciei a imagem e tentei olhar meu próprio rosto como se eu fosse uma desconhecida da internet, vendo-o pela primeira vez. Era redondo e branco, as sobrancelhas como parênteses virados, meus olhos desviados das lentes, quase fechados. Até eu conseguia ver que eu tinha personalidade.

Respondemos o e-mail dizendo que seria um prazer, e ela nos convidou para jantar e falar do nosso trabalho e tirar mais algumas fotografias. Perguntou se eu poderia encaminhar algumas cópias de nossos poemas e enviei três ou quatro dos melhores. Bobbi e eu tivemos uma longa discussão sobre o que Bobbi vestiria nesse evento, sob o pretexto de falar do que nós duas deveríamos vestir. Fiquei deitada no meu quarto vendo-a se olhar no espelho, puxando mechas do cabelo para trás e para a frente criteriosamente.

Então, quando você diz que está apaixonada pela Melissa, eu disse. Quero dizer que tenho uma queda por ela.

Você sabe que ela é casada.

Você acha que ela não gosta de mim? perguntou Bobbi.

Estava segurando uma das minhas blusas brancas de algodão escovado diante do espelho.

Como assim, gostar de você? perguntei. A gente está falando sério ou é só brincadeira?

Estou falando um pouco sério. Eu acho que ela gosta de mim.

De um jeito caso extraconjugal?

Bobbi simplesmente riu. Com os outros eu geralmente tinha a noção do que levar a sério e do que não levar, mas com Bobbi isso era impossível. Ela nunca parecia totalmente séria ou totalmente brincalhona. O resultado é que acabei adotando uma espécie de aceitação zen em relação a tudo que ela dizia. Observei-a tirar a blusa e vestir a blusa branca. Ela dobrou as mangas com cuidado.

Está bom? perguntou. Ou horrível?

Bom. Achei bom.